

V!RUS

revista do nomads.usp
nomads.usp journal
ISSN 2175-974X
CC BY-NC

a cidade e os outros
the city and the others
SEM1 2013

BAIXOCENTRO: O GRITO DOS OUTROS

MOVIMENTO BAIXOCENTRO

O Movimento BaixoCentro é colaborativo, horizontal, independente e auto-gestionado, organizado por uma rede de “anarquistas, provos, beatniks, noctâmbulos, amoladores, malandros, simples simoníacos estilistas, magos, pacifistas, comedores de batatinhas fritas, (...) e toda a ralé desse tipo”. É um movimento de ocupação civil que pretende fissurar, hackear e disputar as ruas.

Como citar esse texto: MOVIMENTO BAIXOCENTRO. BAIXOCENTRO: O GRITO DOS OUTROS. V!RUS, São Carlos, n. 9 [online], 2013. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/_virus09/secs/carpet/virus_09_carpet_43_pt.pdf>. [Acessado em: dd m ano].

A constituição de uma cidade só pode existir pela relação com o outro. É nas trocas diárias entre pessoas que o conceito de o que é uma cidade emerge. E São Paulo é uma cidade com muitos outros. Tantos outros que, durante muitos anos, decidiu-se suprimir a voz de todos, para que assim pudessem chegar a um *status quo* sobre como deveriam ser orientadas as políticas públicas da cidade. O problema é que ninguém perguntou para as pessoas se era essa a São Paulo que elas queriam.

Em 2011, São Paulo estava às avessas com políticas públicas para lá de desumanas. A região cunhada como Baixo Centro (que envolve os bairros da Luz, Barra Funda, Santa Cecília, Campos Elíseos e Vila Buarque) era o alvo para a próxima venda ao mercado imobiliário. A prefeitura, então, para atender as demandas das empresas que financiam todos as campanhas políticas, decidiu entrar com ações higienizadoras para "limpar" a região. E onde se lê limpar, leia-se acabar com os movimentos de moradia que conclamam por direitos previstos no Estatuto da Cidade e expulsar os usuários de drogas que há na região, área que eles insistem em marcar como

"Cracolândia" para dar a ideia de algo que, realmente, deve ser extinto e justificar a ação higienizadora, como explica o artigo da *Wikipedia* "Operação Cracolândia". Para tanto, criaram o projeto NovaLuz, que tinha como meta destruir 33% das construções da região, revocar as áreas (como acabar com o mercado de eletrônicos da rua Sta. Ifigênia e criar outro tipo de relação com os outros que trafegam por ali), e construir tudo de novo para que a "revitalização", tão prevista e almejada pelo mercado imobiliário, pudesse acontecer.

Revitalização significa trazer vida novamente. Em termos de planos urbanísticos, isso significa que determinada área da cidade está morta. Nada há ali que se possa aproveitar, logo pensa-se em construir uma nova região. O termo, por si só, demonstra a ignorância da cidade sobre as condições e existência do outro. Para os administradores públicos, os atuais moradores da região não podem ser considerados como "vivos" por não representarem o que a máquina municipal precisa para aquele exato momento. Em outras palavras, atrapalham a venda da região para o mercado imobiliário. Há uma supressão da diferença. Rosalyn Deutsche, analisando uma obra do artista polonês Krzysztof Wodiczko que questiona a relação da cidade com os imigrantes, aponta:

[os imigrantes] ameaçam a cidade como uma ideia, ou seja, o próprio pensamento urbanístico, no qual urbanismo se refere não somente ao planejamento urbano ou ao modo de vida deles na cidade mas, em termos mais políticos, à nossa maneira de viver juntos, com outros, em um espaço heterogêneo. (DEUTSCHE, 2002: 31)

No caso de São Paulo, graças à maneira como a administração da época via seus cidadãos, os imigrantes eram os próprios moradores. Os habitantes da região do Baixo Centro eram vistos como algo a ser expulso para a periferia, condenando-os ao não exercício da cidade.

Por essas razões, em 2012, organizou-se um movimento para dar um grito. Se as ruas estavam em disputa (polícia x usuários de drogas, especulação imobiliária x o presente), era o momento para que as pessoas, todas, fossem para as ruas e entendessem os processos que a cidade estava passando. O

Festival foi o meio encontrado para atrair os moradores para os espaços públicos da região para que, aí sim, compreendessem como a cidade estava abandonada. Hoje, o centro de São Paulo não é um lugar para se usufruir. É um local de passagem. A infraestrutura viária de transporte público, por exemplo, tem a região central como o nó de ligação com todas as outras regiões. Dessa forma, quem sai da Zona Sul e quer ir para a Zona Leste, precisa necessariamente passar pela área para trocar de ônibus ou fazer baldeação do trem para chegar ao destino final. E o centro nunca é o destino final. A região foi tomada por edifícios comerciais, os quais apenas trazem "vida" às ruas durante o horário de expediente. Fora dele, a região simplesmente era considerada como morta.

A opressão provocada por essas vias de concreto fez com que o Festival mostrasse para o que veio na ação de abertura. Tendo como referência a obra do artista alemão Iepe Rubingh, "Painting Reality" [Pintando a realidade], jogou-se quatro tonalidades de tintas o cruzamento da avenida São João com a rua Helvétia, logo ali na curva do Minhocão, esperando que os carros pintassem o asfalto cinza tão comum em toda São Paulo. Durante uma semana, coloriu-se um exemplo de como a cidade poderia ser um dia: menos cinza, menos opressora, mais criativa. Além disso, sangrou-se por meio de cores a vida considerada como morta na região.

O centro, seja a região baixa ou alta, está vivo e latente. Sempre. Não é uma área abandonada pelas pessoas. É uma área abandonada por empresas e proprietários que esperam a tão almejada especulação imobiliária acontecer. Deixam prédios inteiros por mais de década esperando que, um dia, o imóvel se valorize e, aí sim, planeja-se alguma ocupação. Mas como existe vida embaixo deste asfalto, os movimentos de moradia, que conclamam pelo também direito à cidade, ocupam essa latência, dando uma razão social a um imóvel que só possuía uma razão comercial para existir.

Em 2012, o Festival, que teve cerca de 100 atividades culturais acontecendo pela região, foi um dos estopins para se questionar quem é o outro em uma cidade como São Paulo. São os usuários de drogas, ocupantes de prédios

abandonados, minorias não representadas, moradores de rua que não possuem assistência? Não. Na maior metrópole do país, o outro é qualquer cidadão. A cidade não foi planejada para as pessoas, mas sim para carros, máquinas. Pavimentam-se e criam-se mais e mais vias para que o carro, transporte individual e poluidor, possa passar tranquilamente, assim como o Minhocão demonstra em seus mais de 40 anos de história. A escolha pelos carros em detrimento das pessoas para orientar as políticas públicas fez com que o outro sejamos todos nós.

O antagonismo na cidade não surge entre os diferentes que coabitam os espaços públicos, já que quase ninguém frequenta mais as (poucas) praças espalhadas pela cidade. Ele existe entre os moradores e a própria máquina que administra a cidade. Como Chantal Mouffe descreve:

"quando aceitamos que toda identidade é relacional e que a condição de existência de qualquer identidade é a afirmação de uma diferença, ou seja, a determinação de um 'outro' que irá atuar com o papel de um 'excluído constituído', é possível entender como o antagonismo emerge. No âmbito das identificações coletivas, nas quais o que está em questão é a criação de um 'nós' pela delimitação de um 'eles', a possibilidade sempre existe de que a relação nós/eles se torne uma relação do tipo amigo/inimigo. (...) Isto pode acontecer quando o outro, que era considerado até aquele momento apenas como um modo de diferença, começa a ser perseguido como negador de nossa identidade, como se questionasse a nossa própria existência. A partir desse momento, qualquer tipo de relação nós/eles, seja religiosa, étnica, de nacionalidade, econômica ou outras quaisquer, se torna palco para um antagonismo político." (MOUFFE, 1993: 2-3)

Para garantir que qualquer voz pudesse fazer parte desse grito coletivo e demonstrar a diferença suprimida, nenhuma atividade é censurada ou barrada. O movimento trabalha com o conceito de "cuidadoria". Em outras palavras, cuida-se para que todos os projetos possam ecoar e retumbar juntos pelas janelas dos apartamentos da região. É por meio dessa participação coletiva que se indica como ainda há vida embaixo deste concreto e, mais do que isso, que ela é plural. Além disso, acredita-se que não há distinção entre quem é a garganta (plataforma, suporte) e quem é a voz para gerar o grito. No fim, somos todos produtores e todos os proponentes devem estar aptos a ajudar a realizar o seu projeto. Essa corresponsabilidade é que cria a cultura de ocupação. Apenas vendo que não é necessária nenhuma autorização da

prefeitura para eventos de pequeno porte e que equipamentos podem ser conseguidos por empréstimo, é que qualquer artista entende que as ruas, definitivamente, foram feitas para dançar.

E como proclamou o filme espanhol "Noviembre", "a arte é uma arma carregada de futuro".

O futuro

Por Rafael Bresciani

Rafael Bresciani é anarquista e sonhador. Torce infantilmente pela S. E. Palmeiras, acredita na paz mundial e toma muita coca-cola, mesmo sendo anti-capitalista - "É minha dose de cafeína", explica o jornalista que não gosta de café e não fuma cigarro. Tem gosto democrático para música e aspira mudar o mundo a partir da arte. Que seja na rua, então!

Princípios? Seria o que é principal? Seria a nossa descrição? De pessoas para pessoas. Para ocupar, criar demanda, mostrar que as ruas estão aí para serem usadas, que as praças servem para algo, que a gente vive em uma cidade cinza, triste (não acho) e perigosa porque a gente não conhece o nosso vizinho. E não quer conhecer!

Quais são os nossos princípios se o BxC não existe? Se o BxC são pessoas, seria a soma desses princípios os tais baixocentristas? Ou seria a conscrição desses círculos, os fatores coincidentes? Existe tal coisa? Existem linhas máximas, pontos pacíficos de total concordância entre as pessoas que fazem o baixo centro? É correto afirmar isso? Conseguimos sequer mentir bem, caso fosse o caso?

Mais um *fork* desse processo parece se aproximar. Não que eu veja pessoas deixando (mesmo que existam), mas vejo, talvez, nós mesmos tentando achar outros caminhos, melhorando o processo, entendendo melhor o nosso papel (ou pelo menos querendo entender melhor este).

O que vai ser daqui para frente? O que vamos conseguir fazer? Vamos

continuar punhetando (não entendam como algo ruim, tá?) ideias e conceitos e decidir se fazemos outro festival só em dezembro, como foi no ano passado? Vamos fazer mais ações pulverizadas no centro de São Paulo, colocando em prática o festival permanente? Vamos focar na Rede Livre BaixoCentro e realmente realizar o (meu) sonho de criar um laboratório de economia livre (principalmente do dinheiro ou algo que o valha)? Vamos nos associar a outros movimentos, entidades, ganhar corpo e ganhar dinheiro com o que já fazemos por ideologia (só para não deixar de fora nenhuma possibilidade, por mais impossível que seja)? O que vamos fazer? Para onde queremos olhar e andar? Qual a mensagem que queremos passar? Qual o trabalho que queremos fazer? Qual a mudança no mundo que queremos ser?



Figura 1. Divulgação. (Fonte: *Creative Commons*)



Figura 2. Divulgação. (Fonte: *Creative Commons*)



Figura 3. Divulgação. (Fonte: *Creative Commons*)



Figura 4. Divulgação. (Fonte: *Creative Commons*)



Figura 5. Divulgação. (Fonte: *Creative Commons*)



Figura 6. Divulgação. (Fonte: *Creative Commons*)



Figura 7. Divulgação. (Fonte: *Creative Commons*)



Figura 8. Divulgação. (Fonte: *Creative Commons*)



Figura 9. Divulgação. (Fonte: *Creative Commons*)



Figura 10. Divulgação. (Fonte: *Creative Commons*)

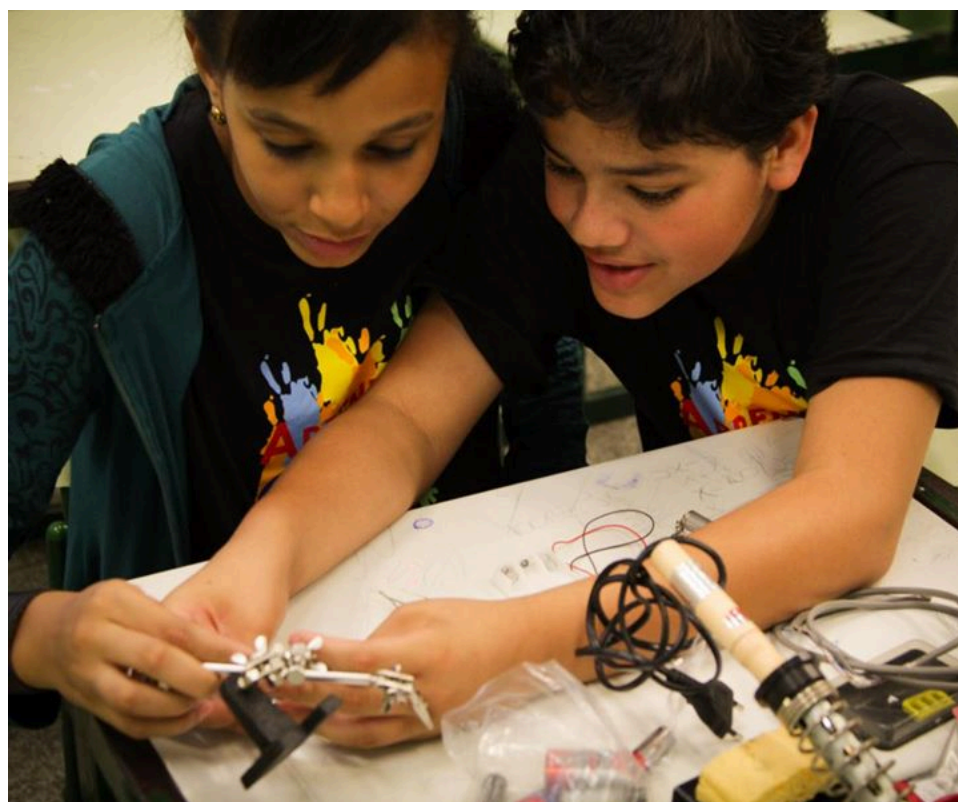


Figura 11. Divulgação. (Fonte: *Creative Commons*)



Figura 12. Divulgação. (Fonte: *Creative Commons*)



Figura 13. Divulgação. (Fonte: *Creative Commons*)



Figura 14. Divulgação. (Fonte: *Creative Commons*)



Figura 15. Divulgação. (Fonte: *Creative Commons*)



Figura 16. Divulgação. (Fonte: *Creative Commons*)



Figura 17. Divulgação. (Fonte: *Creative Commons*)



Figura 18. Foto de Ângela León. (Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=443324289094164&set=a.239368276156434.54343.195044933922102&type=1&theater>)



Figura 19. Divulgação. Festival Baixo Centro. (Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.436719639754629.1073741839.195044933922102&type=1>)

Referências:

DEUTSCHE, R. ***Sharing Strangeness: Krzysztof Wodiczko's Aegis and the Question of Hospitality***, Grey Room 06. MIT. Winter 2002.

MOUFFE, C. ***"Introduction", The Return of the Political***. Verso. 1993.
p. 2-3